um significante maltratado

Sílmia Sobreira

A hora da estrela, uma nordestina em São Paulo[1]. O título comporta, senão uma ironia, ao menos uma ambigüidade, aliás a ambigüidade própria do significante. A estrela sonhada só pôde ter sua hora no sonho/delírio da morte.

Nada leva a supor em Macabéa uma estrutura psicótica. Se é verdade que "não fica louco quem quer"[2], aquele momento psicótico, equivalente a um delírio, teria sido o que se pode chamar um efeito de sugestão, um efeito de certeza produzido por alguém do lugar do Outro ao fornecer significantes fechados e estáveis.

Macabéa não pôde escapar desse cerco, foi aprisionada em suas malhas. Foi isso o que a levou à morte, mais que à morte, à sua destruição, à anulação de qualquer possibilidade de surgimento da verdade de Macabéa, da verdade da causa de um desejo em Macabéa.

De *A hora da estrela* várias leituras poderiam ser feitas. A primeira, enfocando o aspecto regionalista, enfatizaria a relação do migrante com a cidade grande. Uma segunda, política, teria talvez um caráter mais generalizante por seu enfoque alegórico. Os personagens não seriam pessoas, mas entidades: a metrópole colonizadora e o colonizado nas suas relações de poder. Ambas oferecem riscos: a primeira poderia cair no folclore; a segunda, no panfleto.

Mas o filme pode ser visto também, parece-me, pela ótica do particular, no sentido que tem esse termo na definição que Lacan dá à análise como uma experiência do particular, uma experiência original do âmbito da verdade do sujeito. "A realização de uma análise é sempre um caso singular, mesmo que esses casos singulares se prestem a alguma generalidade, a partir do momento em que há mais de um analista".[3] Assim, o filme retrata um aspecto da condição de ser humano, que é a condição de ser falante, a condição de quem fala por lhe falecer o que sutura a cisão, por não existir objeto capaz de preencher o desejo, mas apenas o que lhe dá causa.

Essa é a leitura que proponho, apesar também de seus riscos, e o maior deles seria o de aplicar um método à singularidade de Macabéa, afastando-me do ensino de Freud que levou a seu extremo a particularidade da experiência analítica.

[1] Filme de Suzana Amaral. Brasil, 1985.

[2] Lacan. *Le séminaire – livre III: Les psychoses (1955-1956)* (1981, p.24).

[3] Lacan. *Le séminaire – livre I: les écrits techniques de Freud (1953-1954)* (1975, p.29).

Quem é Macabéa? Uma moça alagoana de 19 anos que não sabe o que é ter tido pais, criada por uma tia. Não se sabe como veio parar sozinha em São Paulo. Já a encontramos semi-analfabeta, trabalhando como péssima datilógrafa em um escritório sórdido, ganhando menos de um salário mínimo, permanecendo no emprego em parte por caridade, em parte em nome do pouco que lhe pagam. Parece sentir-se ocupando espaço demais, sempre a pedir desculpas. Desculpa por existir? A pensão em que mora é igualmente sórdida, a começar pelo anúncio na placa "vagas p/ moças", com o *s* às avessas. Alimenta-se de cachorro-quente e Coca-Cola, a única mudança em seus hábitos que traz intatos: a linguagem, o sotaque, o pouco asseio corporal, o modo de vestir-se e despir-se, o uso do urinol. Mais intato ainda seu corpo. Em suma, uma estrangeira, uma deslocada, olhando tudo e sendo olhada com estranheza.

Macabéa parece movida por uma grande curiosidade, ela se permite querer saber, querer o saber, o saber científico e o saber sexual (duas formas do mesmo saber?), ambos envoltos de pudor e vergonha. Ela quer decifrar o próprio enigma ("Será que eu sou eu?" ou "Mas eu não sei o que é que tem dentro do meu nome"); ela quer decifrar o enigma do mundo, conhecer o funcionamento das coisas. Mas para isso precisa saber o que querem dizer as palavras, pressentindo e procurando o instrumento com que operar o mundo.

A chave para decodificar o mundo, ela a procura nas pessoas que a cercam, desamorosas, e em um rádio de pilha. Macabéa está sempre a ouvir a Rádio Relógio, da qual vão pingando, gota a gota, informes inúteis e desarticulados que não se organizam em um saber: a velocidade do vôo de uma mosca ou o mimetismo dos jacarés. Nesses informes, nas cartas que datilografa no escritório, aparecem palavras cujos significados lhe escapam: efemérides, que pronuncia *efemerides*, álgebra, que pronuncia *algebra*, cultura, usuário...

Suas fontes de conhecimento e identificação, desamorosas, repito, assemelham-se aos espelhos manchados e às vidraças que lhe devolvem a imagem. Em que momento privilegiado de sua história houve a inscrição que a salvou da loucura? Sabemos, por suas poucas palavras, que se vingasse, sua mãe pagaria seu nascimento com um nome. A mãe morreu. Ela vingou. Já no seu nome há uma promessa, uma troca de vida e morte.

O que ocorre com as pessoas a quem Macabéa coloca no lugar de onde vem o saber? Elas se colocam não como recebendo apenas uma atribuição, uma suposição de saber, mas como devendo saber, como lugar de saber de fato, isto é, como

violência, pois acham que sabem sobre Macabéa. Por isso ignoram sua fala: Glória, colega de escritório; Olímpico, um arremedo de namorado; e a cartomante.

A colega de escritório não escuta suas perguntas. E quando leva em consideração sua presença, é para tirar-lhe a flor que lhe enfeita a mesa, tirar-lhe o namorado, compensar a traição por um almoço em sua casa, tamponar sua dor com aspirinas ou empurrá-la para a morte via cartomante.

A Olímpico, um nordestino da Paraíba, já identificado com a metrópole, Macabéa ungiu, investiu com um poder, com aquilo que conhecemos sob o nome de transferência. Lá está Olímpico no lugar de sujeito-suposto-saber. Ele, que não passa de um macabeu, nordestino tão estropiado e ignorante quanto Macabéa, não suporta ser apenas um saber suposto, sobretudo porque de fato não sabe, não suporta não saber, não suporta ter apenas a suposição do outro. Em resumo, não suporta o seu próprio deslocamento tornado presente, iniludível pelo deslocamento de Macabéa. Não suportando esse lugar de deslocamento e de não-reconhecimento, ocupa o lugar do engodo. Algumas passagens são particularmente trágicas e cômicas.

Olímpico pergunta-lhe o nome.

> – Macabéa.
>
> – ?!
>
> – Macabéa.
>
> – Me desculpe, mas Macabéa parece nome de doença, doença de pele.

Macabéa carrega esse nome como um fardo, é um nome esquisito, feio como ela própria, feiúras de que toda a gente faz questão de lembrar-lhe. E ocorre aí o primeiro fechamento em torno desse significante, o nome próprio.

No encontro seguinte, ela pergunta-lhe o dele:

> – Olímpico de Jesus.
>
> – O que quer dizer Olímpico, hein?
>
> – E nome tem o que dizer? Quer dizer, eu sei, mas não quero dizer.

Em outras ocasiões, mais perguntas.

> – O que quer dizer "algebra"?
>
> – Saber disso é coisa de fresco, de homem que vira mulher.
>
> – O que quer dizer cultura?
>
> – Cultura é cultura, ora!
>
> – O que quer dizer usuário?

– Você vive me encostando na parede, me apertando, me arrochando.

– O que é que quer dizer mimetismo, heim?

– Isso não é coisa para moça donzela saber não. A zona está cheia de raparigas que perguntaram demais.

Em um de seus últimos encontros, Olímpico pergunta-lhe:

– Você não tem vontade de nada?

– Sabe o que eu queria ser? Eu queria ser artista de cinema.

– Você não se enxerga não, é? Você não tem corpo, não tem cara, não tem é nada para ser artista de cinema, menina!

E o cerco se fecha. O tempo todo Olímpico desautoriza os significantes de Macabéa e seu significante maior, artista de cinema, metalizado na estrela do fim. Em nenhum momento abre-se a possibilidade para outros significantes, a possibilidade de movimentar o desejo. Olímpico se coloca diante de Macabéa como dono dos significados, ainda que não os tenha, como dono do código, e é desse lugar que exerce sua violência. Sabemos o quanto a língua pode estar a serviço de um poder. O pedido de reconhecimento de Macabéa, denunciador de uma falta nela, denuncia também para Olímpico uma falta em si próprio. O que ele faz equivale a dizer: "Não reconheço tua falta nem a minha, teu desejo nem o meu, tua castração nem a minha".

Consumada a última perda, o próprio Olímpico, Macabéa procura o oráculo, a cartomante. Que lhe dirá o que lhe falta e o que vai obturar a falta. A reação da cartomante à enunciação de seu nome encanta Macabéa. Quem jamais o achara lindo antes? E quem jamais a chamara "minha lindinha"? Nisso opõe-se a Olímpico. O jogo é sedutor como sedutor é o futuro que lhe prenuncia: o amor de um jovem belo, rico e... estrangeiro, estrangeiro valorizado. Pela primeira vez Macabéa sorri aberta e entregue.

A forma como a cartomante ocupa o lugar do Outro assemelha-se à forma como Olímpico o ocupa: põem-se no lugar do saber. O oráculo provê significados fechados, exteriores. Ou melhor, o oráculo fornece um signo: "Vejo uma luz... um brilho... Não. Não. Uma estrela brilhante. Uma estrela...". O oráculo traça o destino. Macabéa vai cumpri-lo, atuando. Como em um sonho (ou um delírio), entra em uma daquelas lojas para noivas perto da Estação da Luz, troca sua roupa pobre e triste por um diáfano vestido de organdi azul. Parece ter perdido a noção do tempo, o senso de localização espacial e de preserva-

ção da vida. Comete um ato falho fatal. É colhida pela reluzente estrela do Mercedes de seu príncipe sonhado. Estrelada no chão, Macabéa, agonizante, continua o seu sonho/morte/delírio.

Sabemos todos os que lidamos com a psicanálise quanto ensinamento podemos tirar dos mitos. E ainda que a relação entre Macabéa e Olímpico, entre Macabéa e a cartomante não constituam uma relação analítica, a analogia pode nos levar a pensar no modo de operar a transferência na relação analítica, isto é, no deslocamento, uma vez que ela põe em ato o inconsciente que Freud chamou *ein anderer Schauplatz*, outra cena, um lugar Outro.

Macabéa, deslocada, exilada, toma Olímpico como seu ponto de referência para encontrar um lugar em um mundo de significantes. Entretanto, Olímpico, também um deslocado, mas que se recusa a ver-se como tal, coagula o discurso de Macabéa, que não se desloca em cadeias significantes. O resultado é que em seus parcos diálogos de duas ou três réplicas, Olímpico tem sempre a última palavra. Ali, a associação livre se tornou impossível.

Em *A hora da estrela*, "estrela" é o significante do desejado por Macabéa. É um significante maltratado e tratado mal. Com Olímpico ele é maltratado. Com a cartomante ele é tratado mal.

O tratamento que Olímpico dá à "estrela" não é tão mortífero quanto o que lhe dá a cartomante. Por quê? Porque Olímpico se cala, porque instaura a perda. Na relação analítica, o analisante desloca, transfere para o analista uma suposição de saber sobre o seu desejo. Se o analista suportar o lugar de deslocamento, de suposição, de estrangeiro onde é posto, poderá promover, pela não-resposta à demanda, a metonímia do desejo e o surgimento da demanda inconsciente, a abertura para a Outra cena.

Se Macabéa tivesse uma estrutura psicótica, não teria talvez suportado sem delírio as sucessivas perdas instauradas por Olímpico. E não teria tentado recuperar no simbólico o que perdera no simbólico. Ela não desiste de fazer perguntas, ouve outras estações no seu rádio de pilha, sem o que não teria tido aquele momento de deleite que lhe propicia a ária *Una furtiva lacrima*. Pode faltar ao trabalho para brincar com sua fantasia, momento de sua primeira imagem inteira e nítida no espelho. O próprio abandono do namorado opera uma mudança em sua atitude diante dos outros: já não pede desculpas e ousa chamar a colega de "galega de farmácia".

A cartomante, ao contrário, marca o destino de Macabéa, respondendo à sua demanda, dando-lhe significados prévios e fechados, o que produz um efeito de certeza. E é assim que, não sendo psicótica, ela vive um momento alucinatório, um efeito de sugestão: o significado pára de escorregar sob o signi-

ficante, eles se colam, se solidificam, se congelam. "Estrela" não é mais um significante deslocado e deslocável, perdido e recuperado no simbólico. Mas é a estrela concreta, objeto metálico recuperado no real. E seu efeito é mortífero.

O analista acha-se deslocado pela transferência, que é, em si mesma, deslocamento. Por isso, dizer que a intervenção do analista deve ser feita na transferência equivale a dizer que ela deve ser feita no deslocamento. O analista intervém a partir de um lugar de deslocamento, marcando para o analisante o valor, a mudança posicional dos seus significantes. Esse é o trabalho do analista – intervir na metonímia, decidir quanto à significação –, o que possibilita ao analisante o trabalho da retroação e, com ele, a condensação, a metáfora, o sentido novo rumo à interpretação.



referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1895) Sobre os sonhos. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. V.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre I: les écrits techniques de Freud (1953-1954).* Paris: Seuil, 1975.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre III: les psychoses (1955-1956).* Paris: Seuil, 1981.

resumo

A partir do filme *A hora da estrela* (Brasil, 1985), este artigo aborda a questão da transferência e a do lugar do analista como o que permite o deslocamento dos significantes e a movimentação do desejo do lado do analisando.

abstract

Based on the movie "The Hour of the Star" (Brazil, 1985), this text studies the question of transference as well as that of the analyst, whose position facilitates the displacement of the signifiers and the movement of desire on the side of the analysing.